

Indicando Diferentes Abordagens para a Formação de Professores: Contação de Histórias no Ensino de Probabilidade

Ailton Paulo de Oliveira Júnior¹  Fátima Aparecida Kian² 

Resumo

Durante um curso de extensão voltado à formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, foi investigada a percepção de 191 participantes sobre a contação de histórias como um recurso de ensino e aprendizagem para trabalhar conceitos probabilísticos com alunos de 6 a 10 anos de idade. Para tanto, foi proposta uma questão aberta através do Google Forms para que descrevessem de que forma atividades de contação de histórias seriam incluídas na formação inicial ou em serviço de professores como um recurso de ensino e aprendizagem. A pesquisa foi do tipo exploratória, de abordagem qualitativa/quantitativa, na qual foram realizadas análises textuais multivariadas (similaridade) utilizando o software Interface R para Análise Multidimensional de Texto e Questionário (IRaMuTeQ), com base nas respostas dos professores. Os resultados indicam que os professores consideram importante contar histórias em suas salas de aula no desenvolvimento de seus alunos, na medida em que possibilitam a criatividade, fortalecem a imaginação e estimulam o hábito pela leitura, pela busca por novos conhecimentos e pelo ato de aprender—fundamental no contexto educacional e social, pois ajudam no desenvolvimento de habilidades orais, motoras, sonoras e perceptivas. Por fim, o curso "Formação de professores baseada em um conto histórico para o ensino de probabilidade para os anos iniciais do ensino fundamental" contribuiu para provocar reflexão no grupo de professores extensionistas, possibilitando o fortalecimento da visão crítica da pluralidade de abordagens e apresentando diferentes perspectivas na atuação como professor na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Formação de professores, Ensino Fundamental, Contos, Probabilidade.

Indicating Different Approaches to Teacher Training: Storytelling in Probability Teaching

Abstract

During an extension course aimed at training teachers in the early years of elementary school, the perception of 191 participants was investigated regarding storytelling as a teaching and learning resource for working on probabilistic concepts with students aged 6 to 10 years old. Therefore, an open question was proposed through Google Forms to ask them to describe how storytelling activities would be included in initial or in-service training for teachers as a teaching and learning resource. The research was exploratory, with a qualitative/quantitative approach, in which multivariate textual analyses (similitude) were carried out using the software Interface R for Multidimensional Text and Questionnaire Analysis (IRaMuTeQ), based on the teachers' responses. The results indicate that teachers consider it important to tell stories in their classrooms in the development of their students, as they enable creativity, strengthen imagination, and encourage the habit of reading, the search for new knowledge, and the act of learning — fundamental in the educational and social context, as they help in the development of oral, motor, sound, and perceptual skills. Finally, the course "Teacher training based on a historical tale for teaching probability for the initial years of elementary school" contributed to provoking reflection among the group of extension teachers, enabling the strengthening of the critical view of the plurality of approaches and presenting different perspectives on acting as a teacher in contemporary society.

Keywords: Teacher Education, Elementary School, Storytelling, Probability, Multivariate Textual Analysis.

¹ Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil. E-mail: ailton.junior@ufabc.edu.br

² Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil. E-mail: fatima.kian@ufabc.edu.br

Indicando Diferentes Enfoques para la Formación Docente: Storytelling en la Enseñanza de la Probabilidad

Resumen

Durante un curso de extensión dirigido a la formación de docentes de los primeros años de la educación básica, se investigó la percepción de 191 participantes sobre la narración de cuentos como un recurso de enseñanza y aprendizaje para trabajar conceptos probabilísticos con estudiantes de 6 a 10 años. Por ello, se propuso una pregunta abierta a través de Google Forms para pedirles que describieran cómo se incluirían las actividades de narración de cuentos en la formación inicial o continua del profesorado como recurso de enseñanza y aprendizaje. La investigación fue exploratoria, con un enfoque cualitativo/cuantitativo, en la que se realizaron análisis textuales multivariados (de similitud) utilizando el software Interface R for Multidimensional Text and Questionnaire Analysis (IRaMuTeQ), a partir de las respuestas de los docentes. Los resultados indican que los docentes consideran importante contar historias en sus aulas para el desarrollo de sus estudiantes, ya que posibilitan la creatividad, fortalecen la imaginación y fomentan el hábito de la lectura, la búsqueda de nuevos conocimientos y el acto de aprender — fundamentales en el contexto educativo y social, pues ayudan en el desarrollo de habilidades orales, motoras, sonoras y perceptivas. Finalmente, el curso “Formación docente a partir de un relato histórico para la enseñanza de la probabilidad en los primeros años de la educación básica” contribuyó a provocar la reflexión entre el grupo de docentes de extensión, lo que permitió fortalecer la visión crítica sobre la pluralidad de enfoques y presentar diferentes perspectivas acerca del quehacer docente en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Formación docente, Educación Primaria, Cuentos, Probabilidad, Análisis Textual Multivariado.

| INTRODUÇÃO

Considera-se que histórias são diariamente contadas, sendo agradável ouvir algumas delas. Dessa forma, contar histórias pode ser um universo de possibilidades, pois ao contá-las e ao ouvi-las são proporcionados momentos de prazer e de alegria, despertando o imaginário, desenvolvendo a criatividade e criação de relações entre as pessoas.

Ao longo da nossa vida, estamos sempre contando ou relatando algo que aconteceu, seja um fato que presenciamos, seja um filme, um espetáculo, entre outras memórias. Também se pode conceber que essa capacidade existe em cada pessoa, cabendo a ela a intenção de desenvolver essa habilidade como um ato que atravessasse um espaço cênico e artístico.

Desse modo, para o conto ganhar vida, é necessário que seja trabalhado de maneira transformadora, pois, segundo Busatto (2012) e Chaves (2011), onde quer que as histórias soem, por meio de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias sempre serão bem-vindas, assim como os contadores, sejam eles aqueles que narram contos da tradição ou contemporâneos.

Oliveira Júnior e Cardoso Barão (2021) acreditam que as histórias aguçam a imaginação e despertam para mundos extraordinários, além de estimularem o interesse pela leitura no processo escolar, o que auxilia na formação da personalidade, pois, a cada personagem apresentado, surge a capacidade de identificação e discernimento entre o real e o imaginário. Além disso, acredita-se que a narrativa tem um grande valor cultural e social, passível de ser trabalhado em sala de aula, permitindo demonstrar aos alunos que o conteúdo não é

um campo de conhecimento estático e pronto, mas está em constante mudança, de acordo com as necessidades de cada nação e de cada região ao longo da história.

Compreende-se que uma das finalidades do Ensino Superior é atuar para universalizar o conhecimento ali produzido e aproximar-se da Educação Básica por meio da formação e capacitação de profissionais, articulando teoria e prática. Dessa maneira, pesquisas pedagógicas, ensino e extensão podem estreitar a relação entre esses níveis escolares.

Assim, neste estudo, investigou-se a percepção de 191 participantes de um curso de extensão para a formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre a possibilidade de incluir a contação de histórias em sua formação inicial ou continuada, bem como as atividades que gostariam que fossem incorporadas como recurso de ensino e aprendizagem de conceitos probabilísticos para alunos de 6 a 10 anos.

MARCO TEÓRICO

Coelho (2009) ressalta que, a partir do momento em que o ser humano se preocupou em registrar os acontecimentos diários para que ficassem marcados, tornou sua escrita durável. Trazendo para os dias atuais, Bailón e Lino (2020) afirmam que a ação de contar histórias ainda está em vigor, cujo propósito é ser um dinamizador do conhecimento que predispõe a promover a aprendizagem.

Bamberger (2002) lembra que, na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros de gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário e, mais importante ainda, para a motivação pela leitura.

Giroto e Souza (2012) abordam questões referentes ao modo como a leitura e o livro de literatura infantil são trabalhados por professores e seus alunos em sala de aula, e à influência dessas práticas no ato de ler. Há práticas educativas preocupadas em fazer com que o trabalho com a literatura infantil se constitua como uma prática potencializadora da apropriação da leitura literária pelas crianças, e que a leitura desde tenra idade seja uma estratégia para incentivá-las a tornarem-se bons leitores, construindo um hábito diário de aprendizado.

Considera-se, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2009), que as crenças, percepções, atitudes e práticas de ensino dos professores estão intimamente ligadas às estratégias que eles usam para lidar com os desafios em sua vida profissional diária, moldando o ambiente de aprendizagem e influenciando a motivação e o desempenho de seus alunos.

Lee e Bathmaker (2007) também compartilham da opinião de que as crenças e percepções teóricas dos professores podem influenciar suas práticas de ensino. Baseando-se

em seu conhecimento e experiência profissional, os professores constroem ativamente sua própria teoria, que, segundo eles, funciona no processo de ensino e aprendizagem. Essas teorias pessoais formam o que Prabhu (1988) destaca ser um fator significativo em sala de aula.

Partindo do pressuposto de que, para contar histórias, são necessárias estratégias de mediação dos contadores de histórias, na formação dos futuros professores é preciso que sejam oferecidas diferentes experiências e estratégias. Para aqueles que se propõem a encantar as crianças para a literatura e para a arte de contar, é necessário considerar que:

Para contar histórias—seja qual for—é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes [...]. Se capta o ritmo, a cadência do conto e assim ela flui como uma canção... ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... É tão linda!!! E ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso, não é nem remotamente declamação ou teatro [...]. Ela é o uso simples e harmônico da voz (Abramovich, 2009, p.15).

Segundo Machado (2004), na atualidade é essencial contar histórias, pois essa prática configura-se como uma das maneiras de comunicar às pessoas parte das riquezas culturais universais que a humanidade acumulou ao longo de milênios—um direito de cada indivíduo como herdeiro desse tesouro. Dessa forma, a criança que é habituada a ouvir histórias desenvolverá, no futuro, a capacidade de buscar na literatura os elementos necessários para satisfazer suas demandas de escrita e de narrativas ficcionais.

Portanto, a contação de histórias mostrou-se um processo narrativo que permite despertar percepções e aguçar sentidos como visão, audição, paladar, olfato e tato. Essa prática também oportuniza o desenvolvimento de habilidades cognitivas que facilitam a criação e a imaginação. Para embasar este estudo, foram utilizados importantes referenciais teóricos: Vygotsky (2003), Machado (2004), Debus (2006), Abramovich (2009), Coelho (2009), Vygotsky (2009), entre outros citados ao longo do texto.

Complementando essa perspectiva, Wilwert *et al.* (2021), em estudo sistemático de literatura, destacam que contar histórias é uma forma de transmissão de conhecimento anterior até mesmo à invenção da escrita. Assim, contextualizar os conteúdos escolares mostra-se fundamental para o processo educativo. A contação de histórias (*storytelling*) pode ser empregada de diversas formas, seja no ensino de disciplinas específicas, seja como estratégia para promover a socialização entre estudantes.

Neste contexto, apresentam-se os resultados de uma revisão sistemática da literatura na base de dados *Scopus* sobre contação de histórias no Ensino Fundamental I, que constatou sua efetividade tanto no formato tradicional quanto no digital. Os resultados revelaram que esse tema tem sido investigado internacionalmente, porém com poucas ocorrências no Brasil—lacuna que ressalta a importância de ampliar pesquisas sobre o assunto,

dada sua comprovada contribuição para a melhoria da aprendizagem, especialmente no Ensino Fundamental (Wilwert et al., 2021).

Alsina et al. (2021) analisaram três projetos que associam estatística e probabilidade por meio de contos pedagógicos. O estudo focou atividades realizadas por 22 crianças entre 5 e 6 anos, acompanhadas por uma aluna de licenciatura em Matemática durante seu estágio supervisionado. Analisou-se o conhecimento sobre tabelas estatísticas e o uso de linguagem probabilística mediante situações cotidianas apresentadas em contos. Quanto especificamente aos conhecimentos probabilísticos, os alunos utilizaram linguagem coloquial ou intuitiva ao classificarem situações do dia a dia em uma escala entre “impossível de ocorrer” e “certo de ocorrer”. Concluiu-se que os contos podem ser recursos adequados para promover o conhecimento estatístico e probabilístico nessa etapa educacional.

Sob esta perspectiva, a forma como os professores percebem ferramentas e materiais instrucionais influencia diretamente seu planejamento e execução didática. Em suma, as percepções docentes impactam suas práticas pedagógicas, e suas concepções didáticas determinam as ênfases adotadas em sala de aula.

| METODOLOGIA

No presente estudo, os dados foram gerados a partir de um grupo de 191 professores em efetivo exercício da profissão ou em formação inicial. Esses foram convidados a responder a um questionário por meio do *Google Forms* no transcorrer de um curso de extensão, focado no uso de contos pedagógicos no ensino de probabilidade para os anos iniciais do ensino fundamental.

Informa-se que o curso foi realizado no período de setembro a novembro de 2024, conduzido pelo Grupo de Estudos em Educação Estatística e Matemática (GEEM) da Universidade Federal do ABC – UFABC, tendo como líder o Prof. Dr. Ailton Paulo de Oliveira Júnior. Considerou-se o tripé ensino-pesquisa e extensão, na medida em que possibilitou, por meio de atividades de extensão, aproximar a universidade da escola e trazer elementos para a formação para professores que ensinam matemática, relativos ao ensino de probabilidade.

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, o projeto que gerou este artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da Universidade Federal do ABC – UFABC, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética–CAAE: 71074423.4.0000.5594. Esse está diretamente relacionado ao trabalho de doutoramento de Fátima Aparecida Kian, que foi uma das responsáveis pelo oferecimento do curso, bem como dois bolsistas de Graduação que foram aprovados por meio de edital interno da UFABC.

O curso de extensão foi oferecido de forma *online*, com carga horária total de 60 horas distribuídas em 06 semanas com 10 horas de estudo em cada semana, sendo a metade

das horas destinadas às aulas/encontros síncronos (por meio do Microsoft Teams). A outra metade referiu-se a momentos assíncronos, diretamente associado a atividades obrigatórias que compuseram o mínimo de 75% de presença. Ressalta-se que o instrumento de coleta de dados desse estudo esteve associado a uma das atividades assíncronas do curso.

Assim, o curso teve como objetivo instrumentalizar os professores que ensinam matemática em relação aos conteúdos probabilísticos propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), por meio de contos, para os anos iniciais do ensino fundamental. O curso foi composto por seis módulos, que envolveram aspectos teóricos e práticos do ensino da Probabilidade por meio da contação de histórias:

1. O conto como recurso educativo e pedagógico;
2. Os contos no ensino de matemática e probabilidade;
3. Atividade 1: partindo da realização do conto que apresenta o experimento aleatório “jogar a moeda no tabuleiro ou simulação dos ladrilhos de um palácio e observar onde a moeda cairia”;
4. Atividade 2: Discutir as respostas apresentadas na atividade 1, após a realização das atividades/tarefas probabilísticas na busca da apropriação dos conceitos probabilísticos propostos;
5. Atividade 3: Discutir as potencialidades das atividades 1 e 2;
6. Atividade 4: Propor novas estratégias e tarefas considerando as atividades anteriores e apresentar aos outros participantes do curso.

Para a condução do curso, oferecido de forma online, partiu-se da consideração de que as histórias aguçam a imaginação e despertam para mundos extraordinários, além de despertar o interesse pela leitura no processo escolar, o que auxilia na formação da personalidade. Além disso, acredita-se que a história tem um grande valor cultural e social. Esse valor pode ser trabalhado em sala de aula, permitindo mostrar aos alunos que o conteúdo não é um campo de conhecimento estático e pronto, mas está em constante mudança de acordo com as necessidades de cada nação e de cada região.

O curso ainda pretendeu apresentar a potencialidade da aprendizagem de probabilidade, levando em consideração situações envolvendo conceitos básicos de probabilidade por meio de narrativas utilizadas em contos para o ensino fundamental.

Inicialmente, foi estabelecido um breve perfil dos participantes da pesquisa, sendo que a maior parte dos professores é do gênero feminino (153; 80,1%), com média de idade de 40,84 anos, e um pouco mais de um terço (74 professores; 38,7%) está na faixa etária de 40 a 49 anos. Ademais, 70 (36,6%) participantes do curso de extensão se declaram solteiros, e 95 (49,7%) são casados ou em união estável. No grupo de professores, foram identificados 131 (68,6%) em efetivo exercício da profissão docente na educação básica e 60 (31,4%) em

formação inicial em Matemática e Pedagogia. Dos que estão em efetivo exercício da profissão docente, apresenta-se uma média de 10,63 anos de tempo de atuação.

Especificamente neste estudo, optou-se por apresentar a análise referente a uma questão aberta, tendo como intenção a melhoria do curso em momentos futuros, além de realizar um estudo empírico que possa identificar recursos e o potencial da contação de histórias, qual seja: “Caso as atividades de contação de histórias fossem incluídas na formação inicial ou em serviço para professores como um recurso de ensino e aprendizagem de conceitos probabilísticos para alunos de 6 a 10 anos, de que forma você gostaria que fossem?”

Dessa forma, para a análise das respostas dos 191 participantes da pesquisa que responderam à pergunta aberta acima descrita, utilizou-se a análise textual multivariada, um tipo específico de análise de dados a partir da qual é tratado todo material verbal transcrito — ou seja, textos (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000). No caso deste estudo, foram analisadas as respostas dadas pelos participantes do curso de extensão em um instrumento disponibilizado via Google Forms.

Esta pesquisa foi do tipo exploratória, de abordagem qualitativa/quantitativa, na qual se realizaram análises textuais multivariadas (Classificação Hierárquica Descendente–CHD), por meio do software Interface R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ).

Uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foi aplicada de modo a dar origem a classes lexicais caracterizadas pelo vocabulário e por segmentos de textos que compartilham o mesmo vocabulário (Camargo & Justo, 2013). Nesse sentido, as diferentes classes que emergem do corpus do texto representam o espaço de sentido das palavras narradas e podem sugerir elementos pertencentes aos estudos sobre como são utilizados recursos tecnológicos na formação de professores no ensino de estatística, probabilidade e combinatoria no Brasil.

O conjunto de cada um dos trabalhos selecionados foi organizado em um único texto (corpus). O corpus foi organizado por linhas de comando denominadas “linhas de asteriscos”, nas quais são informados os números de identificação do texto, seguidos de algumas variáveis indispensáveis para a realização da análise textual. Ao codificar cada uma das respostas dos participantes, identificamo-los, considerando os seguintes aspectos:

1. Respostas dos participantes: Resposta_01 até Resposta_191.
2. Idade dos participantes: Idade_01, Idade menor do que o valor da mediana do grupo (41); Idade_02, Idade maior ou igual ao valor da mediana do grupo (41).
3. Gênero dos participantes: Gênero_01 (Masculino); Gênero_02 (Feminino).
4. Estado civil dos participantes: Estado_Civil_01 (Solteiro); Estado_Civil_02 (Casado e outros).

5. Tempo de atuação docente: Tempo_Atuação_01 (Não tem experiência docente); Tempo_Atuação_02 (Têm experiência docente).

Além disso, os textos que integram o corpus textual foram configurados conforme definido no tutorial do IRaMuTeQ (Camargo & Justo, 2013), principalmente quanto à acentuação, uso de caracteres especiais e formatação. O procedimento de organização das linhas de comando, para inserção das produções científicas, pode ser observado no exemplo abaixo, que apresenta parte do fragmento das três primeiras respostas:

```
**** *Resposta_001 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_
Atuação_02
Sem sugestão.
**** *Resposta_002 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_
Atuação_01
Mamulengos–Fantoques e coisas lúdicas.
**** *Resposta_003 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_
Atuação_02
Uma formação coletiva nas escolas com o objetivo de incluir contação de histórias
interdisciplinares.
```

Assim, utilizou-se o método de Reinert, que propõe uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) segundo o método descrito por Reinert (1998), o qual visa obter classes de segmentos de texto (ST) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente dos ST das outras classes.

Enfatiza-se que a escolha pela utilização de uma ou outra técnica de análise depende das características do problema e dos objetivos da pesquisa (Leblanc, 2015). Nessa direção, o referencial teórico-metodológico, acrescido do suporte de softwares de análise lexicométrica, pode conferir maior confiabilidade às inferências realizadas em pesquisas qualitativas (Santos et al., 2017).

Iniciando o estudo, a primeira opção de análise que o IRaMuTeQ disponibiliza está relacionada aos dados estatísticos do corpus textual, fornecendo: os 32 textos; 588 segmentos de texto; ocorrências (número total de palavras contidas no corpus); frequência média das palavras (36,41 por texto); a frequência total de cada forma (adjetivos, nomes, verbos e advérbios); e sua classificação gramatical.

Salienta-se que as análises do tipo CHD, para serem úteis à classificação de qualquer material textual, requerem uma retenção mínima de 75% dos segmentos de texto. Quando uma análise é inferior a esse valor, não é considerada adequada, pois oferece apenas uma classificação parcial (Camargo & Justo, 2013). Nesse sentido, o corpus textual utilizado para a análise do presente estudo é considerado representativo e útil, pois o aproveitamento foi de 75,79%.

A interpretação dos resultados da CHD sustenta-se na hipótese de que o uso de formas lexicais similares está vinculado a representações ou conceitos comuns (Reinert, 1987), sendo utilizada com o objetivo de identificar temáticas subjacentes a um conjunto de textos.

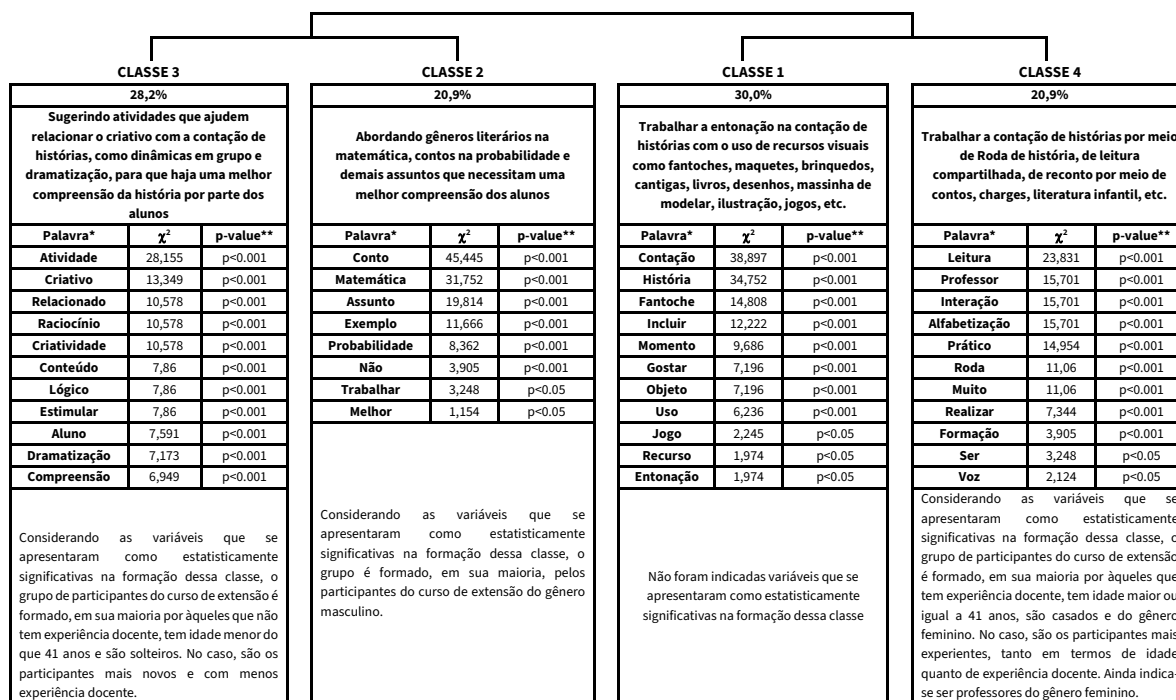
A análise foi baseada na proximidade léxica e na ideia de que palavras usadas em contexto similar estão associadas ao mesmo mundo léxico e fazem parte de mundos mentais específicos ou sistemas de representação. Nessa análise, os segmentos de texto foram classificados de acordo com seu respectivo vocabulário, e o conjunto de termos é particionado conforme a frequência das raízes das palavras. O sistema procurou obter classes formadas por palavras que estão significativamente associadas àquela classe (a significância começa com o teste quiquadrado- χ^2).

Para a criação de um dicionário de palavras, o teste quiquadrado revela a força associativa entre as palavras e sua respectiva classe. Essa força associativa é analisada quando o resultado do teste for maior que 3,84, representando uma relação estatisticamente significativa da palavra com a classe. Segundo Oliveira (2015), o teste utiliza a lógica de correlação, partindo de segmentações do corpus textual, juntamente com a lista de formas reduzidas e o dicionário (em português) disponibilizado, para apresentar um esquema hierárquico de classes. Dessa forma, o texto é processado de modo que possam ser identificadas classes de vocabulário, sendo possível inferir quais ideias o corpus textual pretende transmitir.

| RESULTADOS E DISCUSSÕES

As quatro classes representadas no dendrograma da Figura 1 contêm as formas ativas de palavras organizadas que apresentaram maior frequência no corpus textual, em ordem decrescente, e que foram significativas para representar subcorpus por meio do teste de associação quiquadrado gerado nos relatórios do IRaMuTeQ. Ou seja, o dendrograma exibe os clusters para classificação que representam a maior aderência de texto em uma classe e entre as classes resultantes do Método de Reinert.

Por meio do dendrograma apresentado na Figura 1, nomearam-se as quatro classes, citaram-se os textos utilizados na análise e as principais palavras que indicaram aspectos importantes para a conformação de cada um dos grupos. Por fim, destacam-se as características que configuram cada uma das classes.

Figura 1 - Resultado da Classificação pelo Método de Reinert: Dendrograma

* Associação de palavras com classe.

** Identifica que há um nível de significância ao associar a palavra a uma classe.

Fonte: Elaboração dos autores com base nas saídas do IramuTeQ (2025)

Na classificação pelo Método de Reinert (dendrograma–Figura 1), o corpus “Corpo” foi dividido (1ª partição ou iteração) em dois subcorpus, representados pelas Classes 3 e 2, que correspondem, respectivamente, a 28,2% e 20,9% do corpus textual. Na segunda partição, o subcorpus foi novamente subdividido, identificando-se as Classes 1 e 4, que representam, respectivamente, 30,0% e 20,9% do total.

As quatro classes contêm as formas ativas (palavras organizadas) que apresentaram maior frequência–em ordem decrescente–e que foram estatisticamente significativas para representar cada subcorpus, conforme determinado pelo teste de associação qui-quadrado. Isso demonstra sua maior aderência tanto dentro de cada classe quanto entre as diferentes classes.

Analisando as classes da esquerda para a direita no dendrograma (Figura 1), temos inicialmente a Classe 3, denominada “Sugestão de atividades que relacionem o aspecto criativo com a contação de histórias, como dinâmicas em grupo e dramatizações, para facilitar a compreensão da história pelos alunos”. A seguir, destacam-se fragmentos das respostas dos participantes do curso de extensão:

**** *Resposta_005 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades que cominem com produções artísticas que podem ser manuais, teatrais ou até musicais fazendo uma interdisciplinaridade da arte com a matemática.

**** *Resposta_007 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades em que se possa praticar.

**** *Resposta_011 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades que envolvam a percepção e criatividade das crianças para compreensão e reconto.

**** *Resposta_013 *Idade_01 *Gênero_01 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Atividades criativas que possibilitem o melhor aprendizado.

**** *Resposta_019 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades “mão na massa” aquelas que se aprende fazendo, durante a contação de histórias fosse demonstrada na prática as diversas intervenções que poderiam ser realizadas pelo professor para alcançar os objetivos de aprendizagem.

**** *Resposta_029 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Atividades voltadas a interpretar de forma de atuação as histórias que seriam lidas para os alunos.

**** *Resposta_036 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades práticas e direcionamento em sala de aula.

**** *Resposta_056 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Atividades que ajudem relacionar o criativo com a contação de histórias, como dinâmicas em grupo, para que haja uma melhor compreensão da história por parte dos alunos.

**** *Resposta_065 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Seria muito eficiente para sala de aula, estimulante e criativa a atividade, permitindo ao aluno novas abordagens do conteúdo ministrado.

**** *Resposta_066 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_01

Atividade de recontar.

**** *Resposta_085 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Atividades relacionadas à dramatização e como utilizar os recursos para essa finalidade.

**** *Resposta_107 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Elaboração de mapas conceituais, filmes, rodas de conversas, dramatização, e coisas relacionadas a arte e a criatividade, para que assim houvesse o incentivo criativo do aluno.

**** *Resposta_108 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Desenhos, filmes, coisas relacionadas a arte para estimular a criatividade e raciocínio lógico do aluno.

**** *Resposta_111 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Atividades em que escrevêssemos os eventos da história para que pudéssemos indicar a probabilidade dele.

**** *Resposta_119 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_
Atuação_02

Atividades de dramatização e rodas de contação de história.

**** *Resposta_127 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_
Atuação_01

Ensino de dramatização e sugestão de métodos/atividades que possam contribuir para despertar o olhar crítico dos alunos.

**** *Resposta_134 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_
Atuação_02

Atividades que ensine a tonalização na fala.

**** *Resposta_147 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_
Atuação_02

Atividades de criatividade em leitura criarem revistinhas em quadrinhos.

**** *Resposta_164 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_
Atuação_02

Atividades com dramatizações das histórias ouvidas. Como formular boas perguntas aos alunos ao observarem a capa para estimular a previsibilidade deles.

Para Sisto (2007), contar histórias constitui a síntese de múltiplas artes: literatura, expressão corporal, poesia, música e teatro. Dessa forma, não se pode ignorar o caráter performático inerente à contação de histórias, mesmo quando o enfoque principal recai sobre a voz e o texto projetados no espaço para envolver a plateia. A própria utilização da voz e do texto já seria suficiente para caracterizar os aspectos cênicos e dramáticos dessa prática.

Os professores defendem a incorporação da contação de histórias em sua formação inicial e continuada, fundamentando-se em atos performáticos, artísticos e de fruição. Considera-se que o ato de expor-se perante um grupo de alunos para narrar uma história transforma o contador em ator, cabendo-lhe explorar plenamente suas potencialidades vocais e corporais para despertar a imaginação do espectador/ouvinte.

Complementando essa perspectiva, é na imaginação dos ouvintes (os alunos) que a história se materializa, convertendo-se em imagens e eventos concretos, gerando significado. Para o narrador (no caso, o professor), trata-se igualmente de um momento de prazer e satisfação. A intenção do contador é despertar no espectador as imagens que dão vida à narrativa, colorindo-a no imaginário de cada ouvinte e produzindo a ação necessária—processo que Sisto (2007) denomina “a arte da reverberação”.

No que se refere à segunda região de análise (Classe 2), recomenda-se a criação de espaços formativos para professores que explorem “gêneros literários aplicados à matemática: contos no ensino de probabilidade e outros conteúdos que demandem maior compreensão por parte dos alunos”. Destacam-se, a seguir, excertos das respostas dos professores:

**** *Resposta_006 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_
Atuação_02

O uso de contos na matemática, pois sempre aprendemos jogos na matemática e não contos.

**** *Resposta_014 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_01

Com a participação da turma ver uma assunto que chame atenção dos alunos, e ver como incluir com a contação ajudá-los a entender, e fazer eu saber como eles absorveram aquele conteúdo, e o que eles pensam sobre o assunto. Incluindo todos.

**** *Resposta_018 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_01

Noções matemáticas e raciocínio de probabilidade.

**** *Resposta_021 *Idade_01 *Gênero_01 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_02

Reconto em língua portuguesa, probabilidade e matemática.

**** *Resposta_024 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Reescrita dos contos pelos alunos com mudança do final por exemplo.

**** *Resposta_045 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_01

Abordagem em outros ramos da matemática.

**** *Resposta_051 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Elaboração de atividades originais em paradidáticos de matemática.

**** *Resposta_052 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_01

Não me sinto pronta para responder essa pergunta, primeiro quero entender melhor o assunto probabilidade dentro do contexto de contos históricos.

**** *Resposta_076 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Pretendo utilizar os conceitos do curso e as técnicas para melhorar minha capacitação em ensinar e promover o assunto probabilidade.

**** *Resposta_077 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Atividades simples e básicas para garantir a interdisciplinaridade através dos contos.

**** *Resposta_125 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_02

Atividades de história da matemática, falando a história de cada assunto.

**** *Resposta_167 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_02

Contação de história em matemática.

**** *Resposta_169 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_01

Trazer encontros de leituras sobre diversos assuntos, antes de vir com o assunto principal.

**** *Resposta_186 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_

Atuação_02

Gêneros literários na matemática; contos na probabilidade e demais assuntos que necessitam uma melhor compreensão dos alunos nas séries seguintes.

Nesse agrupamento, consideram-se os conteúdos matemáticos e probabilísticos relevantes para a formação docente, com ênfase nas metodologias de ensino. Essa caracterização busca evidenciar as ferramentas necessárias aos professores em sua formação

profissional—especificamente os conhecimentos matemáticos e probabilísticos que devem compor o repertório docente, conforme estabelecido nas referências curriculares (Bertini et al., 2017).

No âmbito da Educação, os saberes docentes constituem tema central na formação de professores, compreendidos como resultantes da disciplinarização do conhecimento—processo pelo qual o conhecimento se transforma em saber (Hofstetter & Schneuwly, 2017). Nessa perspectiva, os saberes profissionais emergem das relações entre o campo de atuação prática e a formação docente.

Quanto à terceira região de análise (Classe 1 no dendrograma), esta foi identificada como “Desenvolvimento da entonação na contação de histórias mediante o uso de recursos visuais: fantoches, maquetes, brinquedos, cantigas, livros, desenhos, massinha de modelar, ilustrações, jogos e outros materiais”. A seguir, apresentam-se excertos das falas dos participantes:

**** *Resposta_002 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Mamulengos—Fantoches e coisas lúdicas.

**** *Resposta_015 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Contação com fantoches.

**** *Resposta_055 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Cotação de história, com fantoches.

**** *Resposta_098 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Planejaria contar histórias com o uso de fantoches.

**** *Resposta_106 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Preparo para modulação e entonação na contação.

**** *Resposta_109 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Seriam incluídos teatro de fantoches, brinquedos, cantigas, livros, desenhos, massinha de modelar.

**** *Resposta_112 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_01

Seria acrescentado brinquedos, desenhos, massa de modelar, fantoches.

**** *Resposta_137 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Como usar a entonação.

**** *Resposta_140 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Mais leituras compartilhadas, leituras interativas, contação de histórias, introdução e orientação ao uso da expressividade e entonação no momento da contação de histórias.

**** *Resposta_141 *Idade_02 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Trabalhar entonação, a forma mais prática para prender a atenção das crianças.

**** *Resposta_142 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_01

Gostaria de contação de histórias com uso de recursos visuais, (fantoques os maquetes).

**** *Resposta_172 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Projetos de contação de história, contação de história com desenho, entre vozes e silêncio, história contada a partir do jogos dos dados, história de fantoches, ilustração.

**** *Resposta_174 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_

Atuação_02

Como realizar a contação de histórias e que objetos usar para auxiliar nesse momento, como fantoches, avental, etc.

Partindo-se da sugestão dos professores para sua formação, cabe ao contador escolher seu texto, estudá-lo e preparar-se para a prática de contá-lo. Por mais que se utilize o livro ao apresentar uma história, mesmo mantendo contato com as ilustrações da publicação, estas permanecem imagens estáticas, que só ganham vida no imaginário dos ouvintes—no caso, os alunos.

Embora brincar consista essencialmente em deixar-se levar pela imaginação sem receios, o contador, durante sua apresentação, engaja-se em um jogo. Jogo implica troca, ação de dar e receber. Tanto os jogos coletivos quanto a prática de contar histórias em público pressupõem interação com o outro e com o meio.

Concebe-se que esses professores incorporaram as ideias de Sisto (2007), que destaca elementos expressivos para uma formação por meio de contos. O autor concebe a contação de histórias como síntese de múltiplas artes: literatura, expressão corporal, poesia, música, teatro, entre outras. É impossível negar sua dimensão performática, mesmo quando se limita à projeção vocal e textual no espaço para uma plateia (os alunos), pois esses dois elementos já caracterizam o cênico e o dramático.

Os professores defendem a inclusão da contação de histórias em sua formação inicial e continuada, fundamentando-se em atos performáticos, artísticos e de fruição. Considera-se que o ato de expor-se perante alunos para narrar transforma o contador em ator, que deve explorar plenamente suas potencialidades vocais e corporais para despertar a imaginação do espectador/ouvinte.

Complementando essa perspectiva, é na imaginação dos ouvintes (alunos) que a história se concretiza, convertendo-se em imagens e eventos significativos. Para o narrador (professor), constitui igualmente momento de prazer e satisfação. A intenção do contador é suscitar no espectador as imagens que dão vida à narrativa, colorindo-a no imaginário de cada um—processo que Sisto (2007) denomina “arte da reverberação”.

Spolin (2010) afirma que, mediante o jogo, os alunos desenvolvem imaginação e intuição, aprendendo a projetar-se em situações desconhecidas. Ou seja, o trabalho com jogos teatrais com crianças pode promover não apenas diversos conhecimentos, mas também crescimento e desenvolvimento pessoal.

O último agrupamento, Classe 4, foi identificado como “Trabalhar a contação de histórias mediante rodas de história, leitura compartilhada, reconto por meio de contos, charges, literatura infantil etc.”. Destacam-se, a seguir, fragmentos das falas docentes:

**** *Resposta_010 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

A maioria das propostas apresentadas eu realizo com os meus alunos do primeiro ano inicial, pois a leitura é muito importante para a alfabetização. No entanto acredito que o curso irá fazer eu refletir nas minhas práticas.

**** *Resposta_030 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Roda de história, leitura compartilhada, reconto e ilustração.

**** *Resposta_041 *Idade_01 *Gênero_01 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Habilidade de interação e a narrativa como algo predominante na formação de licenciatura.

**** *Resposta_050 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Treino de tom de voz. Sugestões de leitura por faixa etária.

**** *Resposta_086 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Roda de leitura, indicação literária.

**** *Resposta_102 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Acho que deveria ter um foco na contação de história, aprender a projetar a voz, postura, perder um pouco a vergonha e se sentir mais segura para desempenhar a contação.

**** *Resposta_103 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Sobre perguntas pertinentes antes da leitura. Sobre escolha de livros e sobre entonações.

**** *Resposta_113 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Diferente da leitura comum, a contação de histórias permite improviso e interação com o ouvinte, o que torna tudo muito mais envolvente e prazeroso. Utilizaria contos, charges, fábulas; entre outros.

**** *Resposta_133 *Idade_02 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Oficinas como amostragem de como introduzir o aluno no universo da leitura e como é prazeroso o ato de ler. Como inserir esse aluno na leitura em meio à tanta informatização.

**** *Resposta_140 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Mais leituras compartilhadas, leituras interativas, contação de histórias, introdução e orientação ao uso da expressividade e entonação no momento da contação de histórias.

**** *Resposta_160 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_02

Mapas mentais, essa atividade envolve muito a interação entre alunos ,pois os mesmo usam como uma forma de conhecimento adquirido.

**** *Resposta_169 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_01 *Tempo_Atuação_01

Trazer encontros de leituras sobre diversos assuntos, antes de vir com o assunto principal.

**** *Resposta_172 *Idade_01 *Gênero_02 *Estado_Civil_02 *Tempo_Atuação_02

Projetos de contação de história, contação de história desenho, entre vozes e silêncio, história contada a partir do jogos dos dados, história de fantoches, ilustração.

Para Lyra e Silva Júnior (2021), o trabalho com o gênero conto fundamenta-se na leitura e na escrita, de modo que o texto narrativo possa auxiliar o professor a desenvolver práticas de leitura e compreensão, além de estimular a escrita criativa por meio da imaginação ou de fatos do cotidiano.

Ao articular as abordagens de leitura e escrita com diferentes gêneros literários (nesse caso, os contos) em sala de aula e a mediação pedagógica, Gagnoux (2014) ressalta que o professor atua como mediador entre o aluno e o livro. A afinidade do professor com a leitura favorece essa mediação. Dificilmente um aluno será cativado pelo discurso de alguém que não mantém uma relação íntima com o texto e que não vivenciou e apreciou plenamente o que lhe é apresentado.

Lyra e Silva Júnior (2021) ainda destacam que o desenvolvimento de práticas de leitura em sala de aula representa um grande desafio para o professor, uma vez que os materiais didáticos disponíveis geralmente não oferecem suporte adequado para tal finalidade. No entanto, o docente deve buscar formas de aprimorar o ensino de textos literários para apresentá-los em sala de aula. Nesse sentido, a formação continuada de professores pode se configurar como um caminho promissor.

O hábito da leitura também deve ser cultivado para despertar nos estudantes o gosto pelo estudo. É importante destacar a necessidade de desenvolver atividades que estimulem a leitura, a compreensão e a produção textual (Lyra & Silva Júnior, 2021).

Por fim, conforme as afirmações de Souza (2008), entende-se que o professor deve reconhecer que a criança, ao se alfabetizar em linguagens artísticas, pode adquirir conhecimento sensível por meio do contato com a narrativa fantástica característica dos contos, podendo revivê-la-momento em que exercitará sua subjetividade e corporeidade mediante abordagens lúdicas proporcionadas, por exemplo, pela encenação.

| CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não houve a intenção de esgotar o assunto sobre a potencialidade da contação de histórias para o ensino de probabilidade, mas sim de apontar reflexões sobre a extensão universitária como possibilidade formativa para professores de matemática, tanto na formação inicial quanto continuada. Os participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de expor suas percepções sobre o uso dessa metodologia, considerando a vivência da relação teoria-prática e assumindo o papel de protagonistas no processo de construção do conhecimento, ampliando perspectivas, conceitos e refinando suas técnicas tanto como contadores de histórias quanto como futuros educadores.

Ressalta-se que, na contemporaneidade, o avanço tecnológico tem propiciado novas formas de contar histórias. Para acompanhar essas demandas sociais, o professor deve investir continuamente em sua formação, que pode instrumentalizá-lo de forma coletiva e participativa no processo de transformação profissional docente.

Neste estudo, constatou-se nas respostas dos participantes que essas experiências promovem uma revisão das práticas pedagógicas, funcionando como espaços de expressão em diversas formas e como oportunidades para processos formativos direcionados à prática docente.

Entende-se que este seja um dos papéis fundamentais da extensão universitária: refletir sobre a prática a partir dos conhecimentos teóricos, proporcionando à comunidade momentos de interação e troca de saberes. A extensão permite consolidar o trabalho coletivo, aliado ao compromisso social de retorno à sociedade, fortalecendo a relação entre escola e universidade.

É fundamental o contínuo aprimoramento das práticas, considerando que a contação de histórias possui significativo valor cultural e social. Essa metodologia pode ser efetivamente trabalhada em sala de aula, compreendendo que os conteúdos não constituem um campo de conhecimento estático, mas sim em constante transformação conforme as necessidades históricas de cada nação e região.

A maioria dos professores participantes desta pesquisa considera que contar histórias para crianças configura um processo formativo essencial para o desenvolvimento do sujeito, pois possibilita o desenvolvimento cultural, a iniciação na linguagem, na leitura e, conseqüentemente, na escrita. Esta perspectiva corrobora com os estudos de Vygotsky (2003), Machado (2004), Debus (2006), Abramovich (2009), Coelho (2009), Vygotsky (2009), Oliveira Júnior e Cardoso Barão (2021), Wilwert et al. (2021), Alsina et al. (2021), Lyra e Silva Júnior (2021), entre outros.

Quanto às percepções dos participantes sobre a implementação da contação de histórias para o ensino de probabilidade, constatou-se que eles consideram que, ao narrar histórias, o contador assume o papel de ator, devendo explorar plenamente suas potencia-

lidades vocais e corporais para despertar a imaginação dos ouvintes. Trata-se da integração de múltiplas artes: literatura (leitura e escrita), expressão corporal, poesia, música, teatro, entre outras.

Portanto, reconhece-se que as ações extensionistas podem fortalecer nos professores a compreensão de que a contação de histórias em sala de aula permite trabalhar com situações criativas, redimensionando as possibilidades didáticas e promovendo a integração escola-universidade através da participação em cursos de extensão.

| REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (2009). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. Editora Scipione.
- Alsina, A., Vásquez, C., & Gómez, O. (2021). Contar cuentos para contar datos: vínculos entre la literatura, la estadística y la probabilidad en educación infantil. *Revista Educação Matemática em Foco*, 10(1), 7-23.
- Bailón, J. M. B., & Lino, P. M. (2020). El storytelling en la educación superior: un análisis del impacto y pertinencia de la narración de historias en el proceso formativo. *Hallazgos*, 21(5), 149-161.
- Bamberger, R. (2002). *Como incentivar o hábito de leitura*. Editora Ática.
- Bertini, L. de F., Moraes, R. dos S., & Valente, W. R. (2017). *A matemática a ensinar e a matemática para ensinar: novos estudos sobre a formação de professores*. LF Editorial.
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Ministério da Educação. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Busatto, C. (2012). *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Editora Vozes.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2017). *Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – UFSC. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Chaves, M. (2011). *Práticas pedagógicas e literatura infantil*. Editora da Universidade Estadual de Maringá.
- Coelho, N. N. (2009). *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. Editora Moderna.
- Debus, E. (2006). *Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil*. Editora Paulus.
- Gaignoux, A. de A. (2014). O texto literário na sala de aula: trabalhando o gênero conto. *Cadernos do CNLF*, 28(3), 207-223. https://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/

- completo/O%20texto%20liter%C3%A1rio%20na%20sala%20de%20aula%20-%20ALINE.pdf
- Giroto, C. G. G. S., & Souza, R. J. de. (2012). Modos de ler e estratégias para ler: crianças, leitura e literatura infantil. *Leitura: Teoria & Prática*, 30(58), 16-24. <http://educa.fcc.org.br/pdf/ltp/v30n58/v30n58a03.pdf>
- Hofstetter, R., & Schneuwly, B. (2017). Saberes: um tema central para as profissões do ensino e da formação. In R. Hofstetter & W. R. Valente (Orgs.), *Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores* (pp. 63-102). Livraria da Física.
- Leblanc, J.-M. (2015). Proposition de protocole pour l'analyse des données textuelles: Pour une démarche expérimentale en lexicométrie. *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, 11(1), 25-63. <https://doi.org/10.7202/1035932ar>
- Lee, R. N. F., & Bathmaker, A.-M. (2007). The use of English textbooks for teaching English to 'vocational' students in Singapore secondary schools: a survey of teachers' beliefs. *RELJ Journal*, 38(3), 350-374. <https://doi.org/10.1177/0033688207085852>
- Lyra, T. A. A., & Silva Júnior, S. N. (2021). O gênero conto no ensino de língua portuguesa: possibilidades a partir de uma sequência didática. *Revista Entre Saberes, Práticas e Ações*, 1(1), 1-14. <https://palmeiradosindios.al.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/O-G%C3%8ANERO-CONTO-NO-ENSINO.pdf>
- Machado, A. M. (2004). *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Editora Objetiva.
- Marchand, P., & Ratinaud, P. (2012). L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuelles: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française. In *Actes de 11 Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles* (pp. 687-699). IMAGE.
- Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 287-299. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300007
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2009). *Creating Effective Teaching and Learning Environments: First Results from TALIS*. <https://www.oecd.org/education/school/43023606.pdf>
- Oliveira, L. F. R. de. (2015). *Tutorial (básico) de utilização do Iramuteq*. Universidade Federal de Goiás. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/771/o/Tutorial_-_Revis%C3%A3o.pdf
- Oliveira Júnior, A. P. de, & Cardoso Barão, K. M. (2021). El cuento histórico para la enseñanza de la probabilidad en la educación primaria en Brasil. *Revista Venezolana de Investigación en Educación Matemática*, 1(1), 1-35. <https://doi.org/10.54541/reviem.v1i1.3>
- Prabhu, N. S. (1988). Materials as support; materials as constraint. *RELJ Working Papers on Materials for Language Learning and Teaching: Trends and Developments*. SEAMEO Regional Language Centre.

- Reinert, M. (1987). Classification Descendante Hierarchique et Analyse Lexicale par Contexte: Application au Corpus des Poesies D'A. Rimbaud. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 13(1), 53-90.
- Reinert, M. (1998). *Alceste: Analyse de données textuelles. Manuel d'utilisateur*. IMAGE.
- Santos, V., Salvador, P., Gomes, A., Rodrigues, C., Tavares, F., Alves, K., & Bezerril, M. (2017). IRAMUTEQ nas pesquisas qualitativas brasileiras da área da saúde: Scoping review. In *Atas CIAIQ 2017* (Vol. 2, pp. 392-401). <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1230>
- Sisto, C. (2007). Contar histórias, uma arte maior. In F. H. N. Medeiros & T. M. R. Moraes (Orgs.), *Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem* (pp. 39-41). Editora UNIVILLE.
- Souza, L. F. de. (2008). Um Palco para o Conto de Fadas: Uma Experiência Teatral com Crianças na Educação Infantil. *Contexto e Educação*, 23(79), 177-197. <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/um-palco-para-o-conto-de-fadas-uma-experiencia-teatral-com-criancas-na-educacao>
- Spolin, V. (2010). *Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor*. Editora Perspectiva.
- Vygotsky, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica*. Artmed.
- Vygotsky, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. Editora Ática.
- Wilwert, M. L., Fadel, L. M., Cunha, C. J. C. de A., & Silva, S. M. da. (2021). Revisão sistemática de estudos sobre a contação de histórias (storytelling) como facilitadora da aprendizagem no ensino fundamental. *Cadernos de Educação*, 65, 1-19. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.15915>

Apêndice - Información sobre el artículo

Historico editorial

Submetido: 22 de Enero de 2025.

Aprobado: 20 de Julio de 2025.

Publicado: 5 de Septiembre de 2025.

Como Citar — APA

Oliveira Júnior, A. P. de., & Kian, F. A. (2025). Indicando Diferentes Abordagens para a Formação de Professores: Contação de Histórias no Ensino de Probabilidade. *PARADIGMA*, XLVI(Edición Temática 1), e2025025. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2025.e2025025.id1727>.

Como Citar — ABNT

OLIVEIRA JÚNIOR, Ailton Paulo de; KIAN, Fátima Aparecida. Indicando Diferentes Abordagens para a Formação de Professores: Contação de Histórias no Ensino de Probabilidade. *PARADIGMA*, Maracay, v. XLVI, Edição Temática 1, e2025025, Sep., 2025. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2025.e2025025.id1727>.

Conflicto de intereses

Nada que declarar.

Declaración de disponibilidad de datos

Todos los datos han sido presentados/generados en este artículo.

Derechos autorales

Los derechos de autor pertenecen a los autores, que conceden a revista *Paradigma* los derechos exclusivos de primera publicación. Los autores no serán remunerados por la publicación de sus artículos en esta revista. Los autores están autorizados a celebrar contratos adicionales por separado, para la distribución no exclusiva de la versión del artículo publicado en esta revista (por ejemplo, publicación en un repositorio institucional, en un sitio web personal, publicación de una traducción o como capítulo de un libro), con reconocimiento de autoría y primera publicación en esta revista. Los editores de la revista *Paradigma* tienen derecho a realizar ajustes textuales y adecuación normativas en este artículo.

Acceso libre

Este artículo es de acceso abierto (**Open Access**) y sin gastos de envío ni de procesamiento del artículo (**Article Processing Charges - APCs**). El acceso abierto es un amplio movimiento internacional que pretende proporcionar acceso en línea libre y gratuito a la información académica, como publicaciones y datos. Una publicación se define como de acceso abierto cuando no existen barreras financieras, legales o técnicas para acceder a ella; en otras palabras, cuando cualquiera puede leerla, descargarla, copiarla, distribuirla, imprimirla, investigarla o utilizarla en la educación o de cualquier otra forma dentro de los acuerdos legales.



Licencia de uso

Este artículo es licenciado con **Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**. Esta licencia le permite compartir, copiar y redistribuir el artículo en cualquier medio o formato. La licencia no permite utilizar el material con fines comerciales ni adaptarlo, remezclarlo o transformarlo.



Comprobación de similitud

Este artículo fue sometido a una comprobación de similitud utilizando el software de detección de texto **iThenticate** de Turnitin, a través del servicio de **Similarity Check** de la Crossref.



Proceso de evaluación

Revisión por pares a doble ciego (**Double blind peer review**).

Editor

Fredy E. González

Editoras convidadas

Etti  ne Cordeiro Gu  rios

Edvonete Souza de Alencar

Martha Cecilia Mosquera Urrutia

Publisher

Este artículo ha sido publicado en la revista **Paradigma** vinculada al Centro de Investigaciones Educativas Paradigma (CIEP) del Departamento del Componente Docente de la **Universidad Pedagógica Experimental Libertador** (Núcleo Maracay). La revista **Paradigma** publica artículos de carácter técnico-científico, derivados de estudios e investigaciones que sirvan de apoyo al desarrollo del conocimiento educativo, propiciando el diálogo entre los diferentes campos de la educación. Las ideas expresadas en este artículo son de los autores y no representan necesariamente la opinión del consejo editorial o de la universidad. En Brasil, la revista Paradigma obtuvo la calificación **Qualis A1** en la **Evaluación CAPES (2017-2020)**.

